



O CAMPONÊS

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

Defendei «O Camponês»

Os inimigos dos trabalhadores os laiaos dos agrários e o bando de assassinos da PIDE procuram atingir o nosso jornal, privando os operários agrícolas desta importante arma de luta.

Defendei-o da acção repressiva. Fazei-o circular entre os trabalhadores de confiança. Ajudai-o financeiramente.

18 ANOS DE LUTA EM DEFESA DOS INTERESSES DOS QUE TRABALHAM A TERRA

Foi em Maio de 1947, que appareceu o 1. número de «O Camponês» copiado. Passado pouco tempo começou a apparecer impresso. Não se pode falar da história de «O Camponês» sem falar também dos nomes dos seus fundadores e obreiros: **Pires Jorge, Francisco Miguel, Maria Helena Magro.** Ao longo destes 18 anos a sua publicação, mais ou menos regular, sob a perseguição feroz do fascismo, só foi possível, graças aos esforços e sacrificios dos que o escrevem, dos tipógrafos, dos que o levam à mão dos trabalhadores e do apoio destes.

«O Camponês» tem sido um inspirador e orientador do alargamento da unidade e da organização dos trabalhadores do campo, tem sido o inspirador das suas pequenas e grandes lutas contra o desemprego, por melhores jornadas e condições de trabalho, pela conquista dos 50\$00 e mais nas ceifas, pela conquista das 8 horas; tem sido um inspirador e orientador de pequenas e grandes greves, de concentrações nas Casas do Povo, nas Câmaras, nas praças de jorna, junto dos Postos da GNR e dos Governos Cívicos, de marchas de fome, etc. Tem tido um papel de vanguarda na luta pela Paz, contra as Guerras Coloniais, contra a repressão fascista, pela Democracia e pela Independência Nacional.

«O Camponês» tem sido um inspirador da luta por uma Reforma Agrária, que entregue a terra a quem a trabalha—aspiração profunda dos que produzem o pão. Tem ensinado os operários agrícolas e os camponeses a unirem-se e a organizarem-se, a fazerem reuniões, pequenas e grandes, a formarem as suas Comissões de Unidade para dirigirem a luta. Tem tido um papel de destaque no esclarecimento e na elevação da consciência revolucionária dos trabalhadores.

«O Camponês», pela justeza da sua orientação, das suas palavras de ordem, tornou-se um jornal amado daqueles que regam a terra com o seu suor; tornou-se o seu porta-voz, o seu guia na luta por um Portugal Democrático. A sua orientação é largamente seguida pelas massas do campo.

«O Camponês» ao entrar no seu 19º ano de publicação saúda todos os seus leitores e amigos, todos os que trabalham a terra e faz votos pelo alargamento e intensificação da luta contra a ditadura fascista.

«O Camponês» precisa de ajudar mais e melhor a luta, precisa de conhecer mais e melhor os problemas diários e mais sentidos dos homens do campo, precisa de chegar a novas localidades. Para isso é necessário que os seus leitores e amigos enviem as suas colaborações, críticas e sugestões e a sua ajuda financeira, que o façam chegar, pelo correio e outras formas, a novas regiões, a novos leitores.

Longa vida ao «O CAMPONÊS»!

O IMPERIALISMO AMEAÇA A PAZ MUNDIAL.

Com a monstruosa agressão ao heróico povo do Vietnam do Norte, o imperialismo americano, fomentador de guerras, ameaça a Paz mundial colocando o mundo à beira duma guerra nuclear.

Esta criminosa e brutal agressão a milhares de quilómetros dos Estados Unidos, assim como os actos de provocação e pirataria aos povos amantes da Paz, demonstram bem o carácter banditeiro e belicista da insensata política de destruição seguida pelo imperialismo americano.

Para defenderem os seus criminosos interesses usurpados aos povos de outros países, os reis do dólar e do aço intervêm militarmente nos países onde os seus governos fantoches e reaccionários estão ameaçados de ser derrubados pela luta popular, como acontece actualmente no Vietnam do Sul, na República

(continua na 4ª pag.)

O 1.º DE MAIO Foi um dia de luta

Apesar das prisões de vários democratas e anti-fascistas, das operações «stopes» simultâneas em vários pontos do país, das notas officiosas da famigerada Pide annunciando assaltos a casas de patriotas, que o governo fascista de Salazar forçou a viver na clandestinidade, do reforçamento do criminoso aparelho repressivo fascista, tudo com vista a impedir a comemoração do 1º de Maio, ele foi comemorado. Milhares de assalariados rurais fizeram dele um dia de luta pela Paz, a Liberdade e contra o fascismo.

Em Grândola, Ermidas, Montemor, S. Cri-tovão, Couço, Alcorre-

(continua na 4ª pag.)

AS NOSSAS LUTAS E

Mais uma vez ficou demonstrado, que por todo o lado e seja em que trabalho for, só com a nossa LUTA CONSTANTE, ABERTA, UNIDA E FIRME, conseguimos arrancar aumentos de jornas aos patrões e melhores condições de trabalho.

Onde houve unidade e firmeza na luta, foram os trabalhadores, que impuseram as jornas. Onde isso não aconteceu, os patrões despediram homens e mulheres, que reclamaram melhores jornas e impuseram jornas de miséria. Eis algumas informações que nos mostram que isso é verdade e são exemplos para todos.

Nas Ceifas

Em toda a região de ABELA, os ceifeiros conquistaram logo de início a jorna de 45\$00. Depois, através da sua luta e sob a ameaça de abandonarem o trabalho como aconteceu na propriedade de «Galvões», os ceifeiros e ceifeiras conquistaram os 50\$00 para os homens e 30\$00 para as mulheres em toda a região.

Na região de MONTE-MOR-ONHO as jornas foram de 50 a 60\$00 para os homens e de 25 a 30\$00 para as mulheres.

No Concelho de PALMEIRA as jornas para os homens, nalguns lados, foram de 60\$00 e vinho.

VILARES DE VILARICA — Logo de início, os homens começaram a ganhar a jorna de 40\$00. Depois, conquistaram 60 e 65\$00.

Em todo o NORDESTE TRANSMONTANO, as jornas têm variado entre os 60 e 70\$00, além das habituais 5 refeições diárias e vinho em abundância. Só a protecção descarada do governo fascista de Salazar aos grandes agrários, fornecendo-lhes ceifeiras debulhadoras e atadoras, impediu que os ceifeiros transmontanos conquistassem os 100\$00 com as habituais refeições e vinho.

Nos Arrozaes

MONTARGIL — As mulheres que trabalhavam na plantação do arroz conquistaram a jorna de 40\$00 por dia.

BARROZINHA — (Alcácer do Sal) — Os ranchos que andavam a trabalhar nos trabalhos do arroz, tinham sido contratados com argola, isto é, o patrão ficava com o

dinheiro dum dia de trabalho de cada semana, que se devolvia no fim dos trabalhos. As trabalhadoras combinaram acabar com a argola e exigir o pagamento integral dos dias que tinham de trabalho. No sábado seguinte todas se recusaram a receber a jorna enquanto não lhes fosse restituído todo o dinheiro a que tinham direito. Perante a firmeza das trabalhadoras, o patrão não teve outro remédio senão satisfazer a justa reivindicação e, hoje, já não existe argola em lado nenhum da região.

Trabalhadoras da região de Alcácer do Sal! Segui o exemplo das trabalhadoras da Barrozinha! Utilizei a mesma unidade na luta por aumento de jorna tal como utilizásteis para que acabasse a argola. Nada justifica que as jornas na plantação do arroz, na região de Alcácer do Sal, tivessem sido de 24\$00 enquanto na região de Montargil foram de 40\$00.

MONTALVO — Um rancho de mulheres que trabalhava por conta do agrário Custódio José Falcão, nos trabalhos do arroz, ganhavam a jorna de 13\$00. No dia 8 de Maio, combinaram exigir 20\$00 e recusaram-se a receber os 13\$00. Dada a sua falta de unidade, o Custódio Falcão despediu todas as que recusaram receber os 13\$00, ficando apenas as que não tinham recusado.

TRABALHADORAS DO MONTALVO! Ao trairdes as vossas companheiras de trabalho, que foram despedidas e a luta com que estívestes de acordo, prejudicásteis também a vós próprias. O explorador do Falcão, aproveitando-se da vossa falta de unidade continuou a pagar-vos a miserável jorna de 13\$00. Se tivésseis seguido o corajoso exemplo das vossas companheiras, tinheis conquistado os 20\$00 e elas não teriam sido despedidas. A melhor arma dos explorados contra os seus exploradores é a UNIDADE NA LUTA. Se lutarmos unidos, podemos impor melhores jornas e melhores condições de trabalho aos agrários. Desunidos, são eles que nos impõem as suas miseráveis jornas e condições de trabalho.

Outras Lutas

QUARTEIRA — A jorna dos 20 homens que trabalham nos trabalhos do algodão nesta propriedade

é de 22 a 24\$00. Como protesto contra esta jorna de miséria, os trabalhadores recorreram à cêra.

PEGOES — Nos princípios de Maio, 16 colonos exigiram junto da Direcção da Colónia, o pagamento do vinho de 1963. A Direcção respondeu-lhes que eram necessários 60 sócios, para que pudessem decidir. Mas quando compareceram os 60 sócios, os membros da Direcção, Joaquim Morgado (presidente), Augusto Dias (Secretário), e Sanher (tesoureiro), recusaram-se a acompanhar a Comissão à Junta de Colonização Interna para reclamar o pagamento do vinho de 1963. Em face da cobardia dos seus «dirigentes», os 60 colonos imediatamente convocaram os restantes 129 e 11 proprietários dos arredores, que ali tinham vendido o vinho e nomearam uma Comissão composta por 3 homens, que foram à J.C.I. reclamar o pagamento do vinho. Como não podia deixar de ser, sempre que os explorados exigem dos seus exploradores aquilo a que têm direito, foram ameaçados. Mas, os valentes colonos, não se atemorizaram nem pararam com a luta, que tinham iniciado e 2 dias depois da Comissão ter ido à J.C.I. esta pagou-lhes 2.000 contos do vinho de 1963.

COLONOS E PROPRIETÁRIOS DE PEGUES! Se não fosse a vossa firme decisão e unidade na luta ainda hoje não teríeis recebido esse dinheiro. O vosso belo exemplo de luta deve ser seguido por todos aqueles que lutam em defesa dos seus interesses e pela conquista daquilo a que têm direito.

Com a vossa Comissão apoiada por vós, continuai a luta já por vós iniciada, para que vos seja pago o resto do vinho de 1963 e exigi o pagamento integral do de 1964.

Cerrei com os «dirigentes» cobardes da Direcção da Colónia para fora. Eleger homens honestos e dispostos a defender os vossos interesses e a lutar pelos vossos direitos.

COVA DO GATO (Santiago de Cacém) — Na CERÂMICA SUL e SADO trabalham 28 trabalhadores dos quais 9 são jovens. Há tempo que estes jovens que recebiam 20\$80 de salário, vinham reclamando aumento de salário. Como o patrão não se resolvesse a satisfazer a sua reclamação recor-

OS NOSSOS PROBLEMAS

reram à cêra. Em face da baixa produção que se vinha verificando, o patrão não teve outro remédio senão dar um aumento de 4\$80.

Jovens trabalhadores da Cerâmica Sule Sadot Sem luta não teríeis conquistado esse aumento de 4\$80. Alargai a vossa luta a todos os vossos companheiros de trabalho e unidos como um só homem, continuai a luta por um aumento de 10\$00, contra os castigos de 2 e 3 dias, que o patrão vos aplica por cada falta ao trabalho.

Exigi que as horas extraordinárias vos sejam pagas a dobrar e não compensadas em trabalho como o explorador do vosso patrão vos vem fazendo.

AVIS—Um rancho de trabalhadores desta região que andava a tirar cortiça à fálca a 6\$00 a arrôba, exigiram um aumento de 1\$00 em arrôba. Como o patrão se recusasse a satisfazer esta reivindicação, os tiradores de cortiça fizeram greve. Vendo a firme disposição dos trabalhadores de não recomçarem a tirar cortiça sem a satisfação da sua reivindicação, o patrão, ao fim de 3 dias de greve, não teve outro remédio senão dar o que estes exigiram!

GRANDOLA—Os podadores de árvores, que andavam a ganhar a jorna de 24\$00 por conta do agrário, Joaquim Pedro Coelho Guerreiro, exigiram um aumento de 4\$00 de jorna. Como este explorador resistisse a dar o aumento que os trabalhadores exigiam, estes ameaçaram abandonar o trabalho. Em face da unidade e firmeza dos trabalhadores, o Joaquim Guerreiro não teve outro remédio senão pagar os 28\$00.

Este explorador, com a ganância de aumentar cada vez mais a sua fortuna à custa do suor dos trabalhadores, recorre aos mais infames processos de roubo. A um maioral de carneiros, que durante o dia trata deles e à noite trata das bestas, paga-lhes 10\$00 por dia e, ao domingo, apesar de fazer o mesmo trabalho, que faz em qualquer outro dia da semana, nada ganha. Aos outros guardadores de gado, promete-lhes no fim do ano um animal, que depois poderão vender para aumentar os seus magros salários. Mas, acontece, que chega-se ao fim da engorda sem que os maiores cheguem a saber qual é o

seu animal. Ainda para maior descaramento, depois do gado vendido, o Guerreiro fica com o dinheiro e os maiores não vêem um centavo do animal, que o Guerreiro lhes prometeu no princípio da engorda.

Maiores do gado! Segui o exemplo dos podadores, que com a sua luta unida e firme conquistaram um aumento de 4\$00 por dia.

Exigi também vós aumento de salário! Forçai o Guerreiro a logo no princípio da engorda do gado a dizer-vos qual é o animal que vos pertence. Não permitis que seja ele a vendê-lo. Vós é que o deveis vender. Exigi que ele vos pague o dinheiro do animal que vos prometeu e que ele vendeu, embolsando o dinheiro, que vos pertence!

RIO FRIO—O capataz Feliciano Ilhéu, rouba logo ao começo do trabalho e ao almoço, 5 e 6 minutos a cada trabalhador, dizendo que é para recuperar o tempo, que perdem no caminho.

Além do roubo que o Ilhéu faz de 2 e 3 quilos em cada rede de cortiça, o patrão queria fazer um

desconto de 50%, no peso, dizendo aos tiradores, que a vida não está só difícil para eles. Os trabalhadores não se compadeceram com a «ladainha» deste explorador e forçaram-no a baixar o desconto para 25%. Não satisfeito ainda com estes roubos, o Ilhéu pretendeu obrigar os tiradores de cortiça à fálca, que trabalham de empreitada, a irem buscar as redes longe do local de trabalho. Unidos como um só homem, os trabalhadores recusaram essa exigência e ele não teve outro remédio senão mandar colocar as redes perto deles.

—46 esgalhadores, que trabalhavam nesta herdade, exigiram junto do patrão aumento de jorna. Como este se recusasse a ouvir a reivindicação dos trabalhadores, dizendo-lhes apenas para pedirem ao Ilhéu, 40 abandonaram o trabalho.

Trabalhadores do Rio Frio! Organizai-vos e uni-vos na luta pela satisfação das vossas reivindicações. Só assim fazeis recuar o laço do Ilhéu e o explorador do patrão nos roubos que vos vêm fazendo!

OS RENDEIROS DA QUARTEIRA

Continuam Unidos na Luta.

Há 2 anos, que o fascista, «Morgado» da Quinta da Quarteira, com o apoio do governo fascista de Salazar, vem lançando mão dos mais criminosos processos para expulsar os camponeses das terras que lhes pertencem.

Desde a obstrução de caminhos e valas, arrancar de canos, que serviam para a rega e às ameaças, tem o «Morgado» recorrido. A todos estes criminosos actos, têm os camponeses respondido com a desobstrução, desses caminhos e valas, com a colocação de novos canos e recorrendo aos poços que abriram, e com a sua unidade e firme disposição, de continuarem nas terras que desbravaram.

Mas, o «Morgado» não desiste. Após a ceifa do trigo, voltou novamente a ameaçar os camponeses. Mais uma vez eles responderam com a sua acção organizada, começando no dia seguinte a lavrar as terras e a fazer outras sementeiras. Desesperados com esta firmeza, o «Morgado» e seus lacaios

recorreram a novos processos. Desta vez, numa tentativa de dividir os valentes camponeses para atingirem os seus fins, chamaram 20 dos mais activos e tentaram suborná-los. Prometeram-lhes, que se abandonassem as terras agora, que depois podiam voltar a ocupá-las e que receberiam mais 10 hectares. Esta miserável proposta foi rechaçada pelos honestos camponeses, que viram logo que se aceitassem esta torpe promessa traíam os seus companheiros, e que se agora abandonassem as suas terras, o «Morgado» nunca mais lhes permitia que ali entrassem. Esta posição digna e firme dos valentes camponeses exasperou um tal coronel, também herdeiro, que disse que a partir daquele dia, não queria ouvir mais nenhum motor na propriedade. No outro dia, logo de manhã, só se ouviam motores a trabalhar.

CAMPONESES DA QUARTEIRA! A vossa força reside na

(continua na 4.ª pag.)

O 1º de Maio

(continuação da 1.ª pag.)

go, Mantargil, Pegões e Alpiarça, a grande maioria dos trabalhadores do campo fizeram greve.

Em Grândola, na preparação do 1º de Maio, fizeram-se vários jantares, que mobilizaram centenas de operários agrícolas e camponeses, corticeiros e empregados comerciais.

Nesta terra e em Ermidas, apareceram as paredes, os muros e as estradas, algumas a 100 metros da polícia, cheios de escrichões: Viva o 1º de Maio! Abaixo a Guerra Colonial! Fora Salazar! Abaixo a Pide! Liberdade para os estudantes presos! Amnistia! Paz no Vietnam! Abaixo a vida cara! Basta de crimes fascistas! etc.

No dia 1º de Maio foram lançados foguetes e morteiros e enquanto a GNR de pistolas metralhadoras aperradas patrulhava as ruas da vila, o povo de Grândola confraternizava nos vários piqueniques, que tinham feito.

Em Montemor, o ambiente de greve era de tal ordem, que os agricultores, sem que os trabalhadores o reclamassem, apressaram-se a pagar a jorna na 6ª feira porque, disseram eles, sabiam que no sábado, dia 1º de Maio, ninguém iria ao trabalho.

Em Alpiarça, a greve foi geral no campo. A partir da meia-noite até por volta das 3 horas da madrugada do dia 1º de Maio, foram lançados foguetes e morteiros. Logo de manhã, apesar do aparato repressivo da PIDE e GNR, dezenas de pessoas dirigiram-se para o cemitério, enchendo a campa de flores da patriota Maria Albertina. Umás 100 pessoas, a pedido dum democrata que fez um breve discurso, guardaram um minuto de silêncio. Da parte da tarde mais de 100 rapazes e raparigas fizeram um piquenique onde deram gritos de Abaixo o Fascismo! Viva a Liberdade, Fora Salazar, etc. Depois, levantaram o piquenique e formaram um cortejo, com mulheres à frente, bloqueando a estrada sem deixar passar os carros, seguiram pela rua principal sempre aos gritos de Abaixo o Fascismo, Viva a Liberdade, etc.

Noutros pontos do país os trabalhadores também comemoraram o 1º de Maio. Em Lisboa concentraram-se na Baixa umas 10 mil pessoas. Vários grupos, rompendo as barreiras formadas pelas forças

Os Rendeiros...

(continuação da 3.ª pag.)

unidade de todos vós!

Formai as vossas Comissões, que com o apoio activo de todos dirija a vossa luta.

Procurai o apoio para a vossa luta, do Povo de Alcaniz, Boticheira e Loulé a quem vós forneceis os legumes, que colheis das vossas terras. Unidos ao Povo destas terras, a vossa unidade será mais larga e maior a vossa força. Assim estareis mais protegidos, enquanto o «Morgado» e todos os que o protegem, ficarão mais isolados e com maiores dificuldades para vos expulsarem das terras que vos pertencem...

Se o «Morgado» recorrer à força, utilizai todos os processos ao vosso alcance para vos defenderdes. Convosco estão todos os trabalhadores, que como vós são vítimas da exploração e espoliação fascista.

Não abandoneis as terras que desbravastes com o vosso suor.

Fazei malograr todas as manobras do «Morgado».

UNIDOS VENCEREIS!

O IMPERIALISMO AMEAÇA A PAZ MUNDIAL

(continuação da 1.ª pag.)

Dominicana, no Congo, etc.

Os agressores imperialistas ao brincarem como o fogo como estão fazendo, põem em risco o destino da humanidade porque pretendem lançá-la numa nova guerra mundial. Os efeitos destruidores dessa guerra, que certamente será nuclear caso os imperialistas a consigam desencadear, trará os maiores horrores e sofrimentos não só aos povos litigiosos, mas a toda a humanidade.

Países como o nosso, onde o imperialismo americano instalou, com a permissão criminosa do governo fascista de Salazar, bases atómicas, seriam transformados num deserto sem vida.

Mas, a guerra não é inevitável. Se todas as pessoas amantes da Paz travarem uma luta constante e aberta contra os seus fautores — os imperialistas — ela pode ser impedida.

Trabalhadores do Campo! Protestemos contra a agressão imperialista ao heróico e laborioso povo do Vietnam do Norte.

Escrevamos à embaixada dos Estados Unidos — Lisboa, às autoridades portuguesas, que apoiam a agressão imperialista, nas paredes, nos muros, nas estradas e onde for possível: **Fora com os americanos do Vietnam! Abaixo a agressão ao povo vietnamita! Abaixo Salazar está com os agressores! Fora com as bases militares! Abaixo o imperialismo! Abaixo a guerra! Viva a Paz!**

repressivas, cantaram a portuguesa, deram vivas à democracia e à paz, e morras ao fascismo e à guerra.

Embora tivesse havido muitas acções positivas, devemos reconhecer que substituímos bastante o 1º de Maio deste ano. Não fomos capazes de compreender toda a sua importância. O facto de em várias terras os trabalhadores não terem feito greve é a conclusão lógica dessa substituição. E como não podia deixar de ser, esta substituição está ligada a uma incompreensão política sobre a organização e a luta contra o fascismo.

Operários agrícolas! Se organizarmos a nossa luta podemos impedir o fascismo a comemoração do 1.º de Maio!

Tiradores de Cortiça!

Exijamos os 50\$00 e 8-horas onde ainda não foram conquistadas.

O êxito da vitória está nas nossas mãos. Não aceitemos as jornas de miséria que os agrários nos querem impor. Eles vendem a cortiça cada vez mais cara, embolsando maiores lucros enquanto nós vivemos cada vez com mais privações. Rechacemos com firmeza as manobras dos agrários e de alguns capatazes.

Conversemos uns com os outros, formemos Comissões, reforcemos a nossa unidade de acção.

Em frente na luta por melhores jornas e melhores condições de trabalho!

Unidos e Firmes Venceremos!

Escutai Rádio Portugal Livre!

Emissora portuguesa ao serviço do Povo, da Democracia e da INDEPENDÊNCIA NACIONAL.

Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 25 metros; das 20 às 20,30 e 22,15 às 22,45 em 32 metros, e das 0,30 às 0,50 em 36,40 e 43 metros.

Aos domingos, em emissão especial, dedicada aos camponeses, das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 28 metros. Divulgai as suas notícias. Mandai para «Rádio Portugal Livre» através de «O Campônês», sugestões, críticas, informações e as aspirações dos trabalhadores.

GES
PCP